

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

27 de Fevereiro a 12 de Março de 2018 | Nº 155 | Ano VI • Director: José Luís Mendonça •

Kz 50,00

FESTA DE CARNAVAL COM A BENÇÃO DE SÃO PEDRO



Cor, tradição e folia trouxeram o ritmo do Carnaval à Marginal de Luanda. E não faltou a chuva na primeira edição presenciada pelo novo Presidente da República, João Lourenço. Mesmo com a chuva "amarrada" a seu favor, o União Mundo da Ilha não pôde revalidar o título, tendo sido levado pelo novato União Recreativo do Kilamba. Págs. 5 a 8

**PRÉMIO INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÃO
HISTÓRICA AGOSTINHO NETO - EDIÇÃO 2018** Págs. 3 e 4

POEMA DE MANUEL C. AMOR

“AUSCHWITZ NUNCA MAIS”

Sim, dói no pensamento da alma
a lembrança de Auschwitz e do seu milhão
de judeus, poloneses e soviéticos mortos

Dói saber que hoje por hoje
neste 2018º ano da graça de Cristo
o tão propagado lema “Auschwitz nunca mais”
tivesse convergido para
uma nova e mais aceitável
“Solução Final”

Como se houvesse
genocídios de primeira e genocídios de
segunda

2018



Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

Nº 155/Ano VI/ 27 de Fevereiro a 12 de Março de 2018
E-mail: cultura.angolana@gmail.com
site: www.jornalcultura.sapo.ao
Telefone e Fax: 222 01 82 84

CONSELHO EDITORIAL

Director e Editor-chefe:
José Luís Mendonça
Editores:
Adriano de Melo e Gaspar Micolo
Secretária:
Ilda Rosa
Fotografia:
Paulino Damião (Cinquenta)
Arte e Paginação: Jorge de Sousa,
Alberto Bumba e Sócrates Simóns
Edição online: Adão de Sousa

Colaboram neste número:

Angola: Analtino Santos, Lito Silva, Olívio dos Santos

Cabo Verde: Domingos Landim de Barros

Portugal: Manuel C. Amor

FONTES DE INFORMAÇÃO GLOBAL:

AFREAKA
AFRICULTURES, Portal e revista de referência
AGULHA
CORREIO DA UNESCO
MODO DE USAR & CO.
OBVIOUS MAGAZINE

Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

Propriedade



Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda
Redacção 222 02 01 74 | Telefone geral (PBX): 222 333 344
Fax: 222 336 073 | Telegramas: Proangola
E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração

Victor Silva (presidente)

Administradores Executivos

Caetano Pedro da Conceição Júnior

José Alberto Domingos

Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril

Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Administradores Não Executivos

Olimpio de Sousa e Silva

Catarina Vieira Dias da Cunha

A Fundação Dr. António Agostinho Neto comunica a constituição do Júri do Prémio Internacional de Investigação Histórica «Agostinho Neto», 2017-2018. O Prémio bianual, foi instituído em 2014, pela Fundação Dr. António Agostinho Neto em parceria com o Instituto Afro-brasileiro de Ensino Superior, ao qual se juntou a UNESCO em 2016, sendo constituído pelos sete membros a seguir discriminados:

Pela Fundação Dr. António Agostinho Neto:

1. Prof. Doutor Roquinaldo Amaral Ferreira - Presidente do Júri
2. Prof. Doutora Isabel de Castro Henriques – Investigadora
3. Professora Doutora Maria Alexandra Miranda Aparício – Vogal
4. Dra. Irene Alexandra da Silva Neto - Supervisora

Pela Faculdade Zumbi dos Palmares e Instituto Afro-brasileiro de Ensino Superior:

5. Prof. Doutor José Vicente - Vogal
6. Prof. Doutor Ivair Augusto Alves dos Santos - Secretário
 - Pela UNESCO:
7. Prof. Doutora Vanicléa Silva Santos - Investigadora

O prémio destina-se a galardoar as obras de investigação — da autoria de pesquisadores/as angolanos/as, brasileiros/as ou de outras nacionalidades — escritas sobre Agostinho Neto, Angola, África, Brasil, a Diáspora e Afro-descendentes que contribuam para o melhor conhecimento da história de Angola, do Brasil e de África.

Ao(s) autor(es) da obra distinguida

PRÉMIO INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA AGOSTINHO NETO - EDIÇÃO 2018

com o Prémio será entregue um diploma, um troféu e a quantia equivalente a 50.000,00 USD (cinquenta mil dólares dos EUA).

DO REGULAMENTO

Segundo reza o regulamento, o original de cada obra concorrente deve ser impresso em folhas de papel de cor branca e tamanho A4. O texto deve estar formatado em tamanho 12, tipo de letra Times News Roman. As páginas devem estar numeradas, ordenadas e conter o título da obra e o nome do autor.

Na primeira folha deve vir indicado o título da obra e o nome do autor.

Terá de ser apresentado um resumo com o máximo de três folhas que deverá exprimir correctamente o conteúdo do trabalho, de modo a permitir uma primeira análise quanto à admissibilidade a concurso.

Os trabalhos devem ser impressos em dez exemplares em língua portuguesa e acompanhados de suporte digital (CD ou pendrive).

Os trabalhos para candidatura devem ser enviados até ao dia 31 de Março ao Secretariado do Prémio:



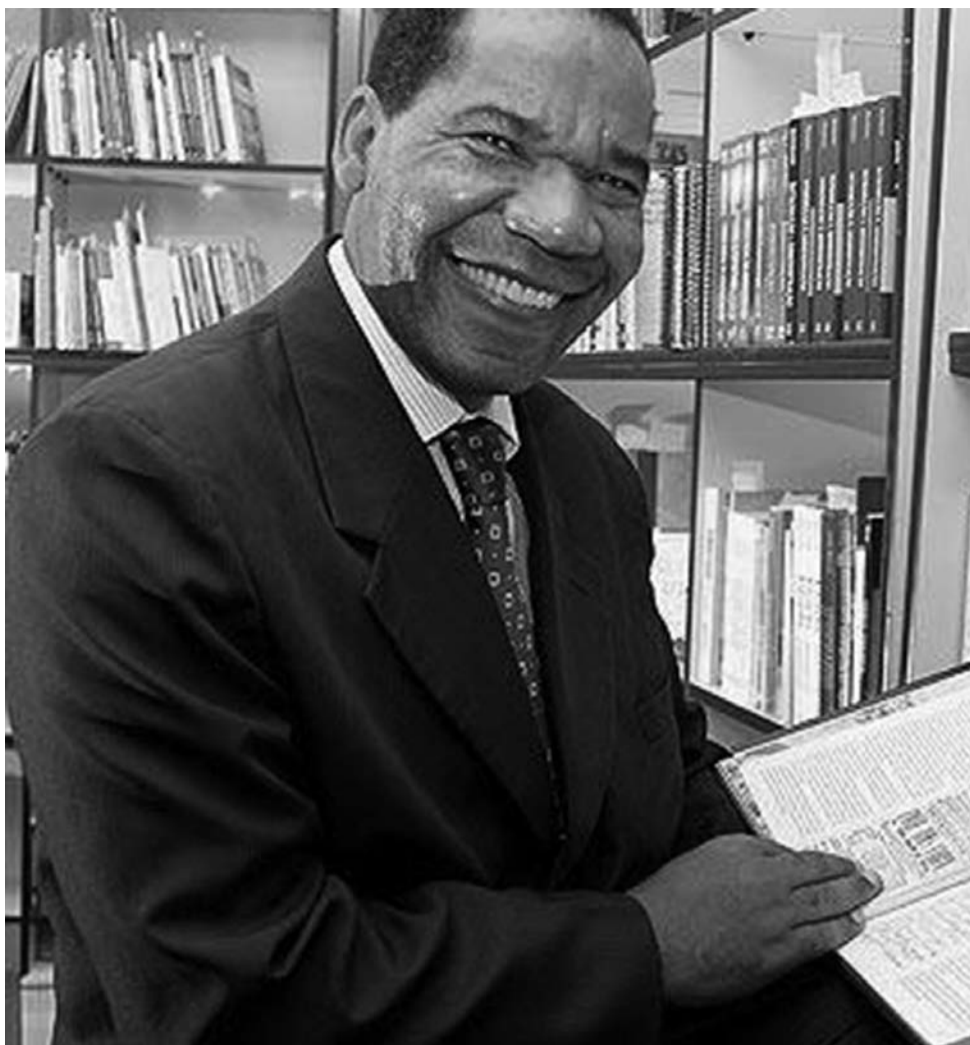
Irene Alexandra da Silva Neto



Ivair Augusto Alves dos Santos



Isabel de Castro Henriques



José Vicente

a) Em Angola: 5 Exemplares para a Fundação Dr. António Agostinho Neto, sita na Rua Major Kanhangulo, N° 10, Luanda, Angola. E-mail: fundagostinhoneto@gmail.com. Telefone: (+244) 222335431. Fax: (+244) 222332474.

b) No Brasil: 5 Exemplares para o Instituto Afrobrasileiro de Ensino Superior – CNPJ 05.234.052/0001-46, Avenida Santos Dumont, 843, CEP 01101-000, Bairro Ponte Pequena, Município de São Paulo, Estado de São Paulo, Brasil ou Para a Fundação Zumbi dos Palmares, sita na Rua Santos Dumont, N° 843, Armênia, São Paulo, SP, Brasil. E-mails: jose.vicente@unipalmares.edu.br e uelintonalves@yahoo.com.br. (011)-3325-1000.

A acompanhar a apresentação do original, deverá ser entregue a identificação completa mediante a documentação seguinte:

1. Fotocópia do Bilhete de Identidade
2. Residência dos autores da obra
3. Títulos académicos
4. Curriculum profissional

Declaração

Os autores das obras candidatas devem subscrever, como condição para a sua admissibilidade, a seguinte declaração:

“Nome (identificação completa do autor, incluindo a nacionalidade) do autor ou autores em colaboração da obra intelectual sobre o tema (identificação do tema) e com o título (identificação do título), candidata-se ao PRÉMIO INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA AGOSTINHO NETO, ano respectivo, declara(m) ter tomado conhecimento, nesta data, do teor completo do regulamento, com o qual concorda(m)

plenamente. Assim aceita(m) colaborar com a organização do PRÉMIO em tudo o que está estipulado no referido regulamento.

Expressamente autoriza(m) a utilização do original e cópias da sua honra, nos termos previstos no citado regulamento, designadamente para a reprodução integral fotocopiada a que se refere o seu artigo 7º.

Declara(m) ainda abster-se de quaisquer actos ou iniciativas que possam diminuir o interesse ou ineditismo da obra até à divulgação dos respectivos resultados, nos termos do artigo 16º do presente regulamento.”

Publicação

Os autores intelectuais das obras premiadas autorizam a FAAN e o IABES, a efectuar, segundo o seu livre critério, por si ou por terceiros a quem ceda gratuitamente esse direito, a publicação das obras em primeira edição, com exclusividade, até dez mil exemplares.

A autorização abrange reproduções ou menções de extractos, resumos ou condensações das respectivas obras por quaisquer meios durante um período de dois anos.

A publicação das obras será feita no Brasil, através da Editora Zumbi dos Palmares, sendo metade para a FAAN e a outra metade para o IABES, no sistema de co-edição.

A língua empregue na publicação será o português sem acordo ortográfico para Angola e com acordo ortográfico para o Brasil.

Os resultados serão divulgados em cerimónia pública a realizar-se no dia 17 de Setembro, data do nascimento de António Agostinho Neto.



Maria Alexandra Miranda Aparício



Roquinaldo Amaral Ferreira



Vaniclea Silva Santos

FESTA DE CARNAVAL COM A BENÇÃO DE SÃO PEDRO

Cor, tradição e folia trouxeram o ritmo do Carnaval à Marginal de Luanda. E não faltou a chuva na primeira edição presenciada pelo novo Presidente da República, João Lourenço. Mesmo com a chuva “amarrada” a seu favor, o União Mundo da Ilha não pôde revalidar o título, tendo sido levado pelo novato União Recreativo do Kilamba. Aqui fica um retrato da festa.



KINDALA MANUEL

Presidente da República João Lourenço assistiu o desfile central

GASPAR MICOLO

Gingas e trajes expressivos marcaram os desfiles dos concorrentes da classe A do Carnaval da capital angolana, com os distritos urbanos da Maianga e do Rangel, a dominarem a lista dos 12, com três grupos cada. Três horas depois do início do desfile dos grupos carnavalescos, o cenário na Nova Marginal já era o de um carnaval dançado agora sob chuva miúda, e cores vivas, numa altura em que se exibia o União Kiela, e sob o olhar atento do Presidente da República, João Lourenço, e a primeira-dama, Ana Dias Lourenço.

A festa do Entrudo começou às 16h00 depois da chegada do Presidente da República. O governador de Luanda, Adriano Mendes de Carvalho, na presença de vários governantes, com destaque para a ministra da Cultura, Carolina Cerqueira, deputados e convidados, fez a abertura da festa mais popular do país.

Com efeito, o casal presidencial viu-se obrigado a abandonar, por volta das 20 horas, a Nova Marginal, devido à forte chuva que caía sobre a capital do país, quando desfilava o grupo União Njinga a Mbande.

Ainda assim, pela pista da Nova Marginal já tinham passado o grupo homenageado, União Jovens da Cacimba, os colectivos das províncias de Cabinda, Benguela, Cuanza Sul, Huambo e Lunda Norte como convidados. Antes da chuva se intensificar, nove grupos desfilaram pela pista da Nova Marginal dos 12 competitivos.

Como sinal de conservação dos rótulos de veteranos, experientes e seniores, os grupos carnavalescos da Classe A deixaram confuso o corpo de jurado da 40ª edição do Entrudo de Luanda, com performances de “encher os olhos”.

Como consequência da intensa chuva que se registou no princípio da noite na cidade de Luanda, o desfile dos grupos carnavalescos da Classe A também teve de ser cancelado e remarcado para sábado, dia 17, às 10h00, no mesmo local, quando faltavam três grupos para o fim da actividade. Em face disso, os resultados, que deviam ser anunciados no dia seguinte, “quarta-feira das mabangas”, na Liga Africana, só deveriam ser conhecidos também no sábado, no período da tarde.

Entretanto, depois se ficou a saber que os grupos União 10 de Dezembro, União 54, ambos da Maianga, e o Juventude do Kapalanga, da Viana, já não desfilariam sábado, 17, como havia sido anunciado, inicialmente, pela organização, na pista da Nova Marginal, em função do acerto encontrado entre os grupos e a Comissão Provincial do Carnaval de Luanda.

Desta forma, decidiu-se pela manutenção dos 13 grupos da clas-



DOMBELE BERNARDO

se A a que se juntaram os cinco primeiros colocados da classe B, enquanto o União 10 de Dezembro, União 54 e Juventude do Kapalanga teriam ainda direito a um subsídio, cujo montante não foi divulgado.

O MOMENTO DO VENCEDOR

A forte organização, empenho, assim como o amor à arte e a cultura foram os principais "segredos" para o grupo carnavalesco União Recreativo do Kilamba, do distrito urbano do Rangel, vencer o Entrudo de Luanda, divulgado na quinta-feira, 15. De acordo com o comandante do União Recreativo do Kilamba, Poly Rocha, momentos após o anúncio dos resultados dos vencedores do Carnaval de Luanda, a preparação do grupo com vários meses de antecedência foi um dos trunfos para a vitória.

O grupo, que desceu na pista da Nova Marginal sob o comando de Poly Rocha, obteve 842 pontos, superando a concorrência de outros oito concorrentes, e foi o oitavo a desfilar na competição. Durante a sua exibição, o colectivo de 900 integrantes transmitiu mensagens sobre a necessidade da valorização das chamadas profissões liberais.

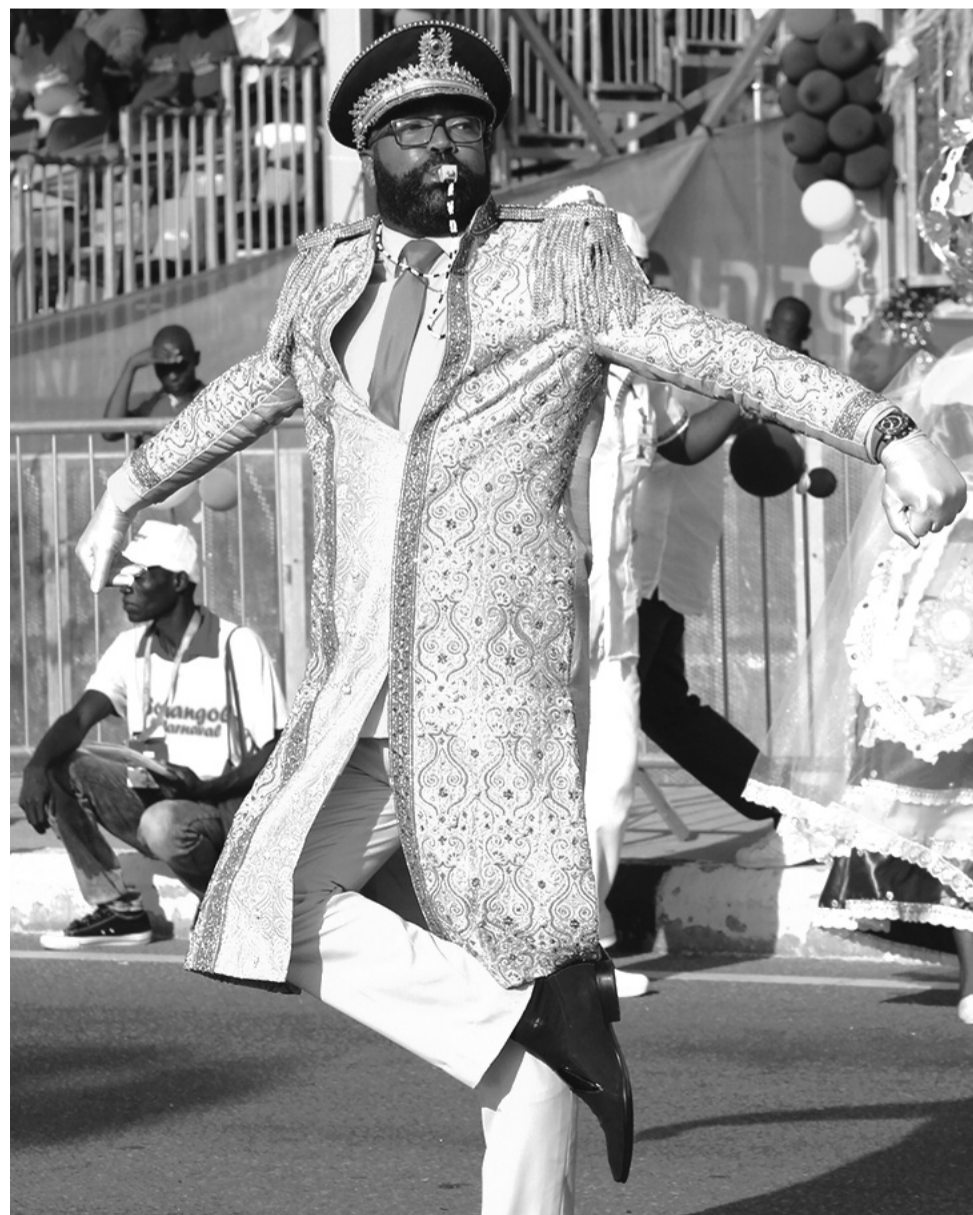
No desfile central, o grupo exibiu-se com uma coreografia do estilo semba ao ritmo do tema "MeseneyaUfunu" (Mestre) da autoria e interpretação do músico Dom Caetano.



"O nosso grupo, geralmente, prepara o carnaval com muitos meses de antecedência, para que no dia do desfile saia tudo como foi programado. Mas o amor pelo Carnaval é a grande força motriz para vencermos o Entrudo",

ressaltou. Poly Rocha admitiu que o grupo passou por dificuldade financeiras para participar do Carnaval/2018 e apelou aos empresários no sentido de apoiarem mais as colectividades que participam do Entrudo, por ser a maior

manifestação cultural do país. Dedicou a vitória a todos aqueles, que desde a primeira hora, estiveram disponíveis e apoiaram o grupo União Recreativo do Kilamba, tanto financeira como moralmente.



Melhor da "festa do povo" exibido ao público



Reis e rainhas deram um espectáculo



KINDALA MANUEL

O comandante do Recreativo Kilamba disse à imprensa, após o anúncio dos resultados, que em Angola ainda não se dança o Carnaval porque os grupos vencedores investem muito dinheiro e o valor do prémio não compensa.

Apesar de o União Recreativo Kilamba ter vencido essa edição do Carnaval, Poly Rocha reconheceu a qualidade e criatividade dos outros grupos carnavalescos que prestigiaram a sua prestação no desfile central presenciado pelo casal presidencial, João Lourenço e Ana Dias Lourenço.

O comandante do Recreativo Kilamba, que tem como rei Domingos Manuel e rainha Lucinda dos Santos, confessou que o segredo para a conquista do primeiro título teve como base o trabalho antecipado, razão pela qual vão começar a preparar a edição 2019 nos próximos tempos.

Entretanto, a segunda posição foi ocupada pelo União Mundo da Ilha (destronado do título), com 840 pontos, enquanto no terceiro lugar ficou o União Njinga a Mbande, do município de Viana, com 804 pontos. Na quarta posição está o União Kiela, do distrito urbano do Sambizanga, com 796 pontos, e em quinto o União Operário Kabocomeu, também do Sambizanga, com 714 pontos.

Contudo, os resultados divulgados não satisfaz alguns grupos, principalmente da comandante do União Kiela, Maravilha dos Santos, que manifestou, de forma visível e contundente o

seu desapontamento com o que considera injusto a actuação do corpo de júri liderado pelo crítico cultural Jomo Fortunato.

UNIÃO MUNDO DA ILHA UM RECORDISTA À ESPERA DE NOVA VITÓRIA

O grupo União Mundo da Ilha, do distrito urbano da Ingombota, continua a liderar a galeria dos vencedores do Carnaval de Luanda, com 13 títulos, depois da realização da 40ª edição.

O campeão do Carnaval de Luanda de 2017 mostrou os seus argumentos na pista da Nova Marginal, com a clara intenção de manter o troféu na sua galeria. O grupo, que trouxe consigo dois mil integrantes ao som e ritmo do semba, não pôde revalidar o troféu este ano, mesmo com todos os condimentos carnavalescos do gingar dos ilhéus. Era como se o União Mundo da Ilha tivesse levado todos os ilhéus à catedral. E enquanto a chuva aumentava de intensidade, o mestre de cerimónia, Afonso Quintas, depois do grupo recordista ter passado pela tribuna principal, disse: “O Grupo União Mundo da Ilha conseguiu amarrar a chuva. Já desfilaram. Agora nós é que

vamos cuidar de amarrar a chuva.”

O grupo exibiu-se no desfile central com uma coreografia de semba ao som do tema “Letratoyagimivu” de autoria e interpretação de Tonicha Miranda. Contudo, o presidente do União Mundo da Ilha, António Custódio, disse ter recebido apoios de dois patrocinadores, o que não foi suficiente para cobrir as despesas, razão pela qual teve de usar recursos próprios para suportar os encargos carnavalescos que o grupo levou à Marginal da Praia do Bispo.

O União Mundo da Ilha foi fundado em 1968 e possui na sua galeria 13 títulos. Executa o estilo de dança semba, bem como canções na língua nacional kimbundo. As suas vestes realçam o amarelo, vermelho e branco, lembrando os pescadores e as mães da Ilha. A agremiação é fruto da fusão de outros dois existentes na época, designadamente Evita da Ilha e os Invejosos.

O grupo é vencedor das edições de 1980, 1982, 1983, 1984, 1987, 1988, 1997, 2000, 2003, 2004, 2007, 2008 e 2017. Na galeria dos vencedores destaca-se ainda o União Kiela, do Sambizanga, com cinco títulos conquistados, e o União 10 de Dezembro, da Maianga, com quatro títulos.

VEZE VOZ AOS CONVIDADOS

Dança, música, hábitos, costumes, tradições, ginga, trajes, xinguilamento e rituais é o essencial que os cinco grupos carnavalescos provinciais apresentaram nesta na Nova Marginal, como parte da riqueza cultural de cada uma das suas localidades.

Mesmo na condição de convidados e, embora num palco hostil, os representantes da Lunda Norte, Cabinda, Huambo, Cuanza Sul e Benguela desfilaram com muita segurança, harmonia e alegria, expondo as suas particularidades culturais e respectivas potencialidades carnavalescas.

Com 80 integrantes, o grupo Maringa da Lunda Norte foi o primeiro a exibir-se, de forma descontraída e destemida, mostrando a riqueza da tchian-da, maringa, txanga, kandowa e kandjendje da região Leste do país, sob o comando de Wilson Manuel Serafim e António Pedro.

Isabel KekeSuraya e Enoque Hunga são, respectivamente a rainha e o rei deste grupo fundado a 15 de Janeiro de 2002, no município de Chitato e que conta com quatro títulos no seu historial.



KINDALA MANUEL

Cor e alegria marcou mais uma vez o Carnaval de Luanda



Tradições entre os destaques desta edição



Jovens deram sequência ao legado de gerações

O Tchaco-Tchaco de Cabinda foi o segundo a entrar em acção, com uma coreografia sensacional que mereceu o aplauso da plateia e “cochichos” entre os ministros do Interior, Ângelo da Veigas Tavares, da Cultura, Carolina Cerqueira, e da Juventude e Desporto, Ana Paula Sacramento.

Detentor de três títulos no Carnaval de Cabinda, o grupo exibiu-se igualmente com cerca 80 foliões, ressaltando o folclore da Região Muoyo, zona Sul de Cabinda, com uma canção na língua local Fiote.

O mesmo existe desde 2009, e etimologicamente significa “aquilo que é nosso, ninguém tira”. Foi criado por António Ferro e dança Mayeye, um dos estilos da cultura do subgrupo etnolinguístico Oio do sul da província de Cabinda, exibido nas festividades

tradicionais e de salão. Por sua vez, o Ovindjendje do Huambo aproveitou a oportunidade para apresentar aspectos característicos do Reino da Tchiyaca e da cultura ovimbundu, com realce para a dança olondungo, com o tema “O contributo do Reino da Tchiyaka no desenvolvimento da cultura angolana”.

Nesta primeira aparição no Carnaval de Luanda, o grupo (fundado em 2010 e oriundo do município do Chinjenje) apresentou-se com cem ousados foliões, bem caprichados na indumentária, confeccionada com tecido samakaka, na qual predominou as cores amarela e azul.

O Ovindjendje, denominação em língua nacional Umbundu, que traduzido em português significa “pássaros pousados numa árvore” dançou simultaneamente o olondungo, ohat-

cho e catito, típicas da região do planalto central. É vencedor de quatro edições do carnaval do Huambo.

Vencedor da edição de 2017 no Cuanza Sul, o grupo carnavalesco União Muteda do Sumbe (criado em 2007) foi o quarto emblema provincial a estrearse na pista da Nova Marginal, no Carnaval de Luanda, a título de convidado, com aproximadamente 90 integrantes.

Com a canção “Mulher Rural”, o grupo, comandado por Gilberto Ferreira Simão, evidenciou uma combinação de danças como Varina, Kazucuta, Semba e Kuduro, fazendo jus ao seu nome, que significa (ao mesmo tempo) música, teatro e dança. Tem no seu historial 4 títulos.

Finalmente, o grupo Bravos da Vitória da Catumbela, proveniente da província de Benguela desfilou classe

e experiência, provando, tal como os demais “forasteiros” que está a altura de competir com os similares luanenses, e a razão de ostentar 26 títulos conquistados localmente.

Apesar de ser o último a passar, este conjunto (fundado a 23 de Março de 1978) foi o mais ovacionado nas arquibancadas e até na Tribuna Vip, onde esteve também a Primeira-dama da República, Ana Dias Lourenço, e o governador de Luanda, Adriano Mendes de Carvalho. Os Bravos da Vitória da Catumbela contam com 39 participações no Entrudo de Benguela e apresentou-se com mais de cem foliões. Dançou kazucuta, apelando (pela música e coreografia) para a necessidade de uma maior atenção às comunidades rurais e trabalhadores do campo.



Ritmos de outras províncias também estiveram em evidência



Diversas culturas foram apresentadas ao público

RITMO E HARMONIA

DOS CASSULES ABREM A FESTA

Ritmo e harmonia. São as melhores palavras para descrever o desfile carnavalesco da classe infantil, o primeiro a abrir a edição competitiva do Carnaval de Luanda. Vindos de vários distritos da capital, os “cassules” mostraram que o legado da “festa do povo” está assegurado. Apesar das inúmeras dificuldades financeiras, alegadas pela maioria dos dirigentes dos grupos, o empenho destes ficou visível para quem foi a Marginal da Praia do Bispo ver o desfile.

ADRIANO DE MELO

Este ano o carnaval infantil foi aberto pelos Cassules do Fogo Negro. Provenientes do Talatona, o grupo, que tem no semba o seu ritmo, decidiu chamar atenção do público à importância de ajudar a construir um novo país. Com a canção, “Vamos pintar a nova Angola”, o grupo “fez-se” a pista da Marginal pronto para conquistar os lugares cimeiros. A ovação recebida após a sua passagem foi um sinal de um bom desfile.

O segundo grupo a passar, 15 minutos depois, foi os Cassules dos Petrolíferos. Procedentes do distrito do Ngola Kiluanje, o grupo usou a “Gravidez precoce” como o tema da sua canção. Por ser um assunto actual e que muito aflige a comunidade adolescente, a canção, entoada sobre o ritmo semba, teve boa recepção da plateia.

Com a canção “Dia da criança africana”, os Cassules do 54 entraram na pista. Com o apoio dos natos e moradores da Maianga, de onde vieram, os “meninos” ajudaram a tornar esta edição do Carnaval numa verdadeira “festa do povo”. Durante 15 minutos, no compasso do semba, os cassules procuraram provar que foram à Marginal da Praia do Bispo para vencer.

Originários de um dos grandes do Carnaval do Kilamba Kiaxi, os Cassules do Café de Angola foram o quarto grupo a desfilar na Marginal da Praia do Bispo. Com a canção “Wejiakiuenda”, o grupo que também faz do semba a sua bandeira, provou, que com pouco ainda se pode fazer muito e apesar das dificuldades financeiras têm estado a preparar uma geração para suceder os adultos um dia.

A chamar atenção para a importância da irmandade, da ajuda entre irmãos, os cassules do 10 de Dezembro chegaram a pista. Com a canção “Queremos mais escolas”, o grupo, vindo da Samba, deu um espectáculo muito aplaudido pela plateia. Também executante do semba e uma das referências do Carnaval de Luanda, os cassules levaram à Marginal o melhor dos meses de ensaio.

Os sextos a desfilar foram os Cassules dos Jovens da Cacimba. Com uma vestimenta muito colorida, o grupo fez, este ano, uma “Homenagem aos cantores pio dos anos 80”. Com músicas que marcaram uma geração, mas adaptadas para o ritmo do semba, o grupo explorou mais os temas que se tornaram uma referência da época. A recepção do público também foi positiva.

Os Cassules do Mundo da Ilha, grupo considerado como o grande do Carnaval de Luanda pelo número de edições conquistadas, também se fizeram a pista, desta vez para homenagear os trabalhadores angolanos, com a canção “Tulongamukuaufunu”, executada no compasso do semba. A sua alegoria fez uma distinção aos centros de formação profissionais e aos ganhos que têm proporcionado na vida da maioria das comunidades da capital.

A fugir um pouco do habitual e predominante ritmo do Carnaval de Luanda, o semba, o grupo Cassules dos Admiradores da Kazukuta do Hoji-ya-Henda levaram um pouco de diversidade à “festa”. Com a canção “Vamos limpar a nossa cidade” e o apoio da Fábrica de Sabão, o grupo foi a Marginal da Praia do Bispo lutar por um título. Provenientes do Cazenga, do distrito do Hoji-ya-Henda, os cassules mostraram que certos ritmos, como a kazukuta, ainda são parte da “festa” e conseguem encantar o público.

Para manter o ritmo, a kazukuta voltou novamente à pista, 15 minutos depois, desta feita com os Cassules do Kazukuta do Sambizanga. Com vestimentas bastante coloridas, o grupo fez um alerta social para determinadas práticas erradas desta sociedade moderna e o perigo destas à juventude, através da canção “Walanimaka me”.

“Preservação do meio ambiente” foi o tema escolhido pelos Cassules do Twafundumuka para convencer este ano o júri. A alegoria do grupo também chamou bastante atenção do público pela sua beleza. O grupo, que veio do Rangel e dança semba, conseguiu justificar os meses de preparativos e os ensaios regulares.

As barbaridades contra as crianças foi o foco dos Cassules do Sagrada Esperança, que com a canção “Socorro: crianças a pedir”, pediram maior atenção da sociedade para as atrocidades cometidas contra os menores. Vindos do Rangel, com o semba como dança, o grupo também teve uma alegoria bastante admirável.

A criança também foi o tema escolhido pelo grupo seguinte, os Cassules do Amazonas do Prenda, o 12º na ordem do desfile. Oriundos do Prenda, Maianga, os cassules chamaram atenção para a importância de se respeitar os 11 direitos da criança, em especial nesta época em que os maus tratos contra estas estão cada vez mais crescentes, com a canção “Criança: mão de obra barata”, coreografada sobre o ritmo do semba.



DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO



DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO



DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO



DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO



Os vencedores da última edição foram os próximos na ordem do desfile. Provenientes de Viana, os Viveiros do NjingaMbande fizeram uma reflexão em torno das origens e cultura angolana. Com o ritmo cabecinha, outro estilo muito aplaudido pelo público, o grupo usou a canção “Kitualetuniwoma” para reivindicar o título deste ano.

A maternidade e o papel de uma mãe na educação dos seus filhos foi o tema do penúltimo grupo, os Cassules do Juventude do KilambaKiaxi, que com a canção “Anami” e no estillosemba, procuraram mostrar a dor de quem sofre uma perda. Apesar da hora, a passagem do grupo pela pista da Marginal da Praia do Bispo foi bem recebida.

Para encerrar o desfile competitivo deste ano da Classe Infantil desfilou o grupo Cassules do Geração Sagrada. Já passavam minutos das 20h00, quando o grupo fez-se a pista para, de uma forma resumida, fazer uma “Homenagem

ao Geração Sagrada (adultos)”, cuja história de participação no Carnaval de Luanda já conta com 18 anos.

OS VENCEDORES

Depois de dias de deliberação, o júri desta edição do Carnaval infantil anunciou, com base na contagem dos votos, que o vencedor em 2018 é o Cassules dos Jovens da Cacimba. O segundo classificado é o Viveiros do NjingaMbande, enquanto o terceiro e o quarto são os Cassules do Mundo da Ilha e do Amazonas do Prenda, respectivamente. O quinto lugar foi ocupado pelos Cassules do 10 de Dezembro.

Pelo feito alcançado o 1º classificado ganha um prémio no valor de 1.000.000 de kwanzas. O segundo 700.000 kanzas. O terceiro e o quarto 500.000 e 350.000, respectivamente. Enquanto o quinto classificado arrecadou 250.000. Além do prémio

por ter conquistado o segundo lugar do Carnaval, o Viveiro do NjingaMbande foi também eleito o vencedor do prémio BAI Canção, que distingue a melhor composição da “festa do povo”. A distinção, no caso, recai para o tema “Kitualetuniwoma”, da autoria do músico Baló Januário e interpretada por Marinela Januário.

O júri deste ano da classe C foi presidido pela cantora Gersi Pegado. Dividido em categorias, o júri contou ainda com Laritsa Salomé, Elisabeth Rodrigues e Pedro Dias “Pitchú” (Dança), Gerci Pegado, MayaCool e Joaquim Freitas (Canção), Aminata-Goubel, Elga Santos e Luísa André (Corte), Josefina Manzaila, Dom Sebas e Paulo Kussy (Painel), Augusto Van-Dúnem, Dumai e Ilda Costa (Comandante), Vemba Amândio, LukuZola e Pedro Lino (Alegoria), Lilianna Nzinga, Virgílio Santos e Inocência de Oliveira (Falange de Apoio).

Este ano, a Classe Infantil, ou C, do

Carnaval de Luanda trouxe muitos desafios. Alguns criados pelas inúmeras dificuldades financeiras dos grupos. Muitos tiveram de “engendrar” grandes planos para poderem levar os seus grupos à Marginal da Praia do Bispo.

A falta de financiamento e de apoio por parte do empresariado local tem sido uma barreira, que para muitos “trava” grande parte dos seus planos. Este ano alguns deles, como os Cassules do Kazukuta do Hoji-ya-Henda, receberam apoios dos empresários locais, no caso a Fábrica de Sabão, uma demonstração que ainda existem instituições interessadas em participar da “festa do povo”. Porém, grupos como os Cassules do Kazukuta do Sambizanga, só conseguiram ir até a pista mostrar o seu melhor com dívidas, que no final vão depender muito das “ginásticas” do seu dirigente para serem pagas.

Muitas das vezes, defendem a maioria dos participantes, são apostas muito arriscadas como está que os levam a pensar muito numa próxima participação, uma vez que a maioria quando contrai a dívida espera ir à Marginal da Praia do Bispo para conquistar o título e assim saldar a dívida.

O apoio financeiro, que, na maioria das vezes, é também negado pelas administrações dos seus municípios e distritos, e quando recebem, contam, é insuficiente, aumentou muito este ano, devido a crise financeira.

Este problema também se reflecte, conta António João Ebo, do Kazukuta do Hoji-ya-Henda, na aquisição de um espaço próprio, adequado para os ensaios. No caso dos “seus cassules”, este ano, os preparativos foram feitos num espaço adjacente ao mercado do Asa Branca. Porém, espera reunir condições para voltar a “treinar” no campo da Encibe, com melhores condições para as crianças. Uma boa coreografia, explica, requer um espaço condigno, onde se possa ficar horas a praticar. “É um dos pontos chave na avaliação do júri.”

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO



MBANZA CONGO FOI TEMA DO CARNAVAL NA CLASSE B

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO



DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO

ADRIANO DE MELO

Vencer para ter um lugar ao sol. Com este pensamento os grupos da Classe B de adultos do Carnaval de Luanda chegaram, domingo, dia 11, à Marginal da Praia do Bispo. O desfile iniciou às 17h00. Com 20 minutos de exibição para cada um, os 14 participantes procuraram dar o seu melhor para terem a oportunidade de no próximo ano disputarem no desfile central.

Oriundos de vários distritos da capital, os concorrentes apresentaram vários temas, na sua maioria relacionados com o quotidiano dos luandenses, e alertas para determinadas prá-

ticas erradas, que nos últimos anos se tornaram uma constante na actual sociedade angolana.

Para conquistar um lugar no acto central na próxima edição do Carnaval, os grupos da Classe B fizeram uma aposta forte na coreografia e na indumentária, algumas mais vistosas em relação às outras. A alegoria foi uma preocupação da maioria dos grupos, apesar de nem todas terem condições de responder às exigências do desafio.

Esta edição da festa foi aberta pelo grupo União Kazukuta do Sambizanga. Procedente do Sambizanga, o grupo, que é um defensor do estilo kazu-kuta, falou sobre as mudanças que ocorrem actualmente no país, com



DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO



maior ênfase para o actual Presidente da República, João Lourenço.

O único representante do Zango, o Unidos do Zango, o segundo na ordem do desfile, falou um pouco sobre os avanços do país. Com a canção "Twasakidila", o grupo elogiou os ganhos e os avanços, nos vários sectores sociais e económicos, registados nos últimos anos. Um dos executantes do semba bem recebido pela plateia.

Do Kilamba Kiaxi chegou, 25 minutos depois, o 17 de Setembro, que este ano, com a canção "Twadala Ufolo", como hino, chamou atenção para a preservação e importância da paz e da liberdade. No ritmo do semba, o grupo conseguiu impressionar pela cadência e coreografia.

O quarto na ordem de desfile foi o Etu Mudietu. Proveniente do Sambizanga, o grupo chamou a atenção, com o tema "Kukaia ô droga mwangola", executada no ritmo do semba, para os perigos das drogas, assim como a urgência em se eliminar este problema, em especial entre os jovens. O tema e a coreografia do grupo conseguiram encantar a plateia.

Minutos depois foi a vez do União Kwanza, que veio do Talatona, ocupar a pista da Marginal da Praia do Bispo e, no compasso da kabetula, impressionar o júri e a plateia. Com cadências próprias do seu estilo de dança, o grupo ressaltou as vantagens de certos investimentos feitos pelo Executivo nos últimos anos, com destaque para "A ponte da Camama".

Depois de receber o testemunho, o Giza, do Rangel, teve a responsabilidade de convencer a todos que merece um lugar na próxima edição. Para tal, o grupo fez uma "Homenagem ao Ministério das Pescas". Com símbolos adequados ao tema da sua canção, como as peixeiras e os pescadores, assim como vestimentas coloridas, o grupo recebeu aplausos do público após a sua exibição.

Proveniente de Cacuaco, o Domantentou, mais uma vez este ano, conquistou o seu lugar no desfile central. Com o semba no pé, o grupo falou so-

bre as empregadas e as suas dificuldades para sustentarem as suas famílias. O tema da sua canção foi "Lembinha". Apesar dos vários problemas de transporte que enfrentaram para chegar até a pista da Marginal da Praia do Bispo, o grupo conseguiu se adaptar a tempo e dar o seu melhor.

O Sagrada Esperança, que em anos anteriores foi um dos destaques da "festa", desfilou em nono. Este ano o grupo, que dança semba e vem do Rangel, usou a canção "Twaletuuoma", para falar um pouco sobre algumas das tradições de Luanda. Pela coreografia, alegoria e a vestimenta dos seus integrantes, o grupo esteve entre os mais assobiados no final da sua actuação.

Mbanza Congo, a cidade angolana eleita património da Humanidade, foi o tema escolhido pelo União Amazonas do Prenda. Oriundos do Prenda, Maianga, o grupo decidiu que este ano iria reconhecer a importância de sermos também parte da História do Mundo. Com o semba como ritmo, o grupo soube se impor na pista.

O Kilamba Kiaxi voltou a ser representado no desfile com a actuação do Unidos do Kilamba Kiaxi, que, com a canção "Mantenha a cidade limpa" e o semba como dança, lançou um alerta social para um problema, o do saneamento básico, que tem se mostrado um entrave na vida dos munícipes da capital.

O último representante do Kilamba Kiaxi nesta edição do Carnaval de Luanda foi o União Angola Independente. O grupo, que interpretou a canção "Mukongo wayia mu tomba", no estilo semba, lançou também um alerta social, desta feita para a caça ilegal. Com alegoria bonita e vestuários muito coloridos, conseguiram chamar atenção da plateia, que os elogiou com aplausos.

O penúltimo concorrente foi o União Povo da Samba. Com notas altas para a sua alegoria, vestuário e falange, o grupo fez uma "Homenagem ao Comandante Luís Filipe", um dos seus símbolos. Como "filhos" da Samba, o grupo, que fez dívidas para poder dançar este ano, levou a grandeza do seu semba, à apreciação do



DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVENBRO

jurado. O público ovacionou bastante a sua passagem.

No final, já depois das 21h00, foi a vez do União Twabixila fechar a festa. Com a sua roupa típica, onde sobressaem os espelhos, o grupo de Viana apresentou o tema "Madiuwano", para chamar atenção a "crescente onda" de delinquência juvenil no seu município e a importância de se começar a combater, com mais intensidade, esse flagelo.

TRIUNFANTES

Apesar das dificuldades vividas pela maioria, o júri desta edição escolheu cinco grupos, que no próximo desfile vão juntar-se aos 12 da classe A (ao contrário das edições anteriores, uma vez que este ano nenhum grupo do escalão principal desceu de divisão), para colorir a "festa".

Com base nos votos e na avaliação do júri venceu esta edição do Carnaval de Luanda, na Classe B, o grupo União Povo da Samba. Os lugares seguintes foram ocupados pelos grupos Sagrada

Esperança, Etu Mudietu, Twabixila e Giza. O primeiro classificado vai receber 1.500.000 kwanzas, enquanto o segundo recebe 1.000.000 kz. O terceiro, quarto e o quinto classificados recebem 600.000, 500.000 e 400.000, respectivamente. O União Angola Independente, do Kilamba Kiaxi, venceu o prémio BAI Canção, pelo tema "Mukongo wayia mu tomba", da autoria de José Pedro Morgado e interpretado pelo próprio.

Este ano o júri da Classe B, do Carnaval de Luanda, foi o mesmo da Classe A. Presidido por Jomo Fortunato. Fizeram igualmente parte do júri Manuel Vieira Dias Tomás, Nelson Augusto e Sacaneno João de Deus (Dança), Jomo Fortunato, Santocas e Dikambu (Canção), Alice Berenguel, Cavisita Lemos e Elisabeth Santos (Corte), Kidá, Guilherme Mampwya e Van (Painel), Xabanu, Roberto Figueira e Adão Filipe (Comandante), Massongui Afonso, António Gongga e Etona (Alegoria), António Coelho, Domingos Cristo e Carla Esmeralda (Falange de Apoio).

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVENBRO



“QUATRO MWANGOLÊS SAX” UNIDOS NUM SOPRO

ANALTINO SANTOS

E OLÍVIO DOS SANTOS

Os saxofonistas Nanutu, Sanguito, Luís Massy e Franco apresentaram no dia 10 de Fevereiro, às 20 horas, no Palácio de Ferro, o projecto “Quatro Mwangolês Sax”. O mesmo nasceu da vontade de Nanutu propor a força dos instrumentos de sopro na música angolana. Abraçado pela Fundação Sindika Dokolo, o projecto teve início em Dezembro de 2017, com a residência artística, congregando os 4 artistas num diálogo de sopros que culminou com o concerto, permitindo o reencontro de dois principais viveiros da geração de sopros, a “Casa dos Rapazes” e a “Casa Pia”.

Com a guitarra-solo de Teddy N’singi, a viola-baixo de Mias Galheta e a percussão de Dalu Rogée, os “Quatro Mwangolês Sax” executarão músicas como “Django Ué”, “Mutudi Ua Ufolo”, “Merengue 2000”, entre outros temas que consideram representativos do Cancioneiro Angolano. Por sua vez, a estilista Nadir Taty junta-se ao projecto, disponibilizando algumas das suas criações para vestir os referidos artistas.

Nanutu, curador do projecto, para conseguir o formato desejado, convidou Luís Massy, Franco e Sanguito. Este último, a exemplo de Nanutu, continua no activo e com vasta discografia; sendo tratados, pelos colegas, como resistentes e persistentes. Luís Massy, está afastado dos palcos e do instrumento há quase uma década, enquanto Franco, pese embora fora dos gran-



Ensaio dos saxofonistas preparando os pormenores para mais uma actuação no Palácio de Ferro

des palcos, mantém contacto com os instrumentos de sopro, por ser instrutor da Banda de Honra do Exército.

António Manuel Fernandes, conhecido como Nanutu, assumiu esse pseudónimo artístico na Casa dos Rapazes de Luanda, onde aprendeu a tocar, começando por bateria, até aos nove anos, quando preferiu clarinete. A sua estreia na música aconteceu com o Agrupamento Aliança Fapla-Povo e tem como destaque Os Merengues e Semba Tropical. Actualmente, tem os seguintes trabalhos “Marés” (1996), “Kizofado” (2000), “Luandei” (2005), “Bisa” (2009) e “Ximbika” (2012).

Por sua vez, Sanguito, órfão de guerra, teve contacto com a música em

1967, na Casa dos Rapazes de Luanda, sendo a guitarra seu primeiro instrumento. No limiar da independência cria o conjunto os “Mini-Populares”. Tem os álbuns “Lente Vida”, “Ngeza”, e “Kamba diami” tendo na forja o quarto que esteve à venda no dia do concerto e foi lançado oficialmente no dia 11 de Fevereiro na Praça da Independência.

Massy e Franco são os outros dois integrantes do projecto “Quatro Mwangolês Sax”, ambos com passagem na Casa Pia. Luís Massy entra na música popular pelo Fapla, grupo no qual ingressa em 1975, com o amigo Nandinho. Frequentou a Academia de Música de Luanda como instrutor. Nos últimos exerceu cargos administrati-

vos, primeiro como responsável dos Jovens do Prenda (1992-2002) e mais tarde em 2006 é eleito Secretário Executivo da União Nacional dos Artistas e Compositores (UNAC).

Franco é o nome artístico de João Manuel Fernando, que na altura em que estava na Casa Pia, por ter um carácter autoritário era tratado por Franco Nero. Natural do Uíge, a música surge na Casa Pia. Antes da independência com os artistas Mauro do Nascimento, Cirineu Bastos, Teles e Jorge Andrade toca na buate Comoro, substituindo Sofia Rosa. EM 2010 participou no Japão no Festival das Cinco Raças, tocando flauta, com a Orquestra da Câmara de Tóquio.

“KUIIMBA NI KUKINA” REÚNE RITMOS DO REINO DO NDONGO

Os grupos Kieto Uva, Kumby Ly Xya e Dilangues do Ambaca levaram ao Palácio de Ferro, no passado dia 9 de Fevereiro do corrente ano, às 19h30, os ritmos e danças do reino do Ndongo, no âmbito do projecto cultural “Kuimba Ni Kukina”, uma iniciativa da Dumay Missete Produções em parceria com a Fundação Sindika Dokolo.

A proposta vem na sequência do Festival de Música Ancestral Bantu (MUANBA 2017), uma produção da Fundação Sindika Dokolo, sob coordenação de Jorge Mulumba, que em três dias reuniu nove grupos ancestrais, quatro propostas de fusões e duas de rebita.

“Kuimba Ni Kukina”, em língua nacional Kimbundu, que em português significa “Cantar e Dançar”, pretende dinamizar, valorizar a mú-

sica e a dança ancestrais de todos os grupos étnicos que ocupam o território nacional. Dumay Missete é o mentor do projecto, pesquisador cultural que, ao longo da sua trajetória, trouxe ao mercado músicos como Socorro, Tunjila Tua Jokota, Baló Januário, Wyza Kendy, dentre outros que hoje marcam o cenário musical angolano.

O grupo Kieto Uva surgiu na primeira fase do “Kuimba Ni Kukina”, apostando na valorização da música ancestral, sobretudo a do grupo étnico-linguístico Kimbundu, sendo sua fonte de inspiração a província de Malanje. Fundado por Dumay Missete, Kieto Uva é composto por seis elementos. As suas canções baseiam-se nas sátiras deixadas pelos

seus ancestrais, narrando aspectos do quotidiano.

Já Kumby Ly Xya, grupo proveniente do Kwanza-Sul, surgiu na Kibala, onde os cinco jovens começaram a enaltecer os seus costumes. Man Kai-za, vocalista principal, contou com o apoio de Costa Cardoso, promotor, que reuniu Capiqueno, Man B, Rei Mix e Kapembe. Exploram o género “Xirimina”, resultando os álbuns “Viva a Paz” e “Xinga Wanga” de 2008 e 2011, conquistando seu espaço no mercado da música de raiz.

Contudo, Dilangues do Ambaca, que participou do Festival Muanba 2017, brindou os presentes com “Kassandra”, “Kaienguele”, “Katutula”, entre outros ritmos da região. Provenientes do Cuanza Norte, concretamente no município

de Kamabatela, comuna do Bindo, bairro Cole, a sua génese está em Kabai Kai, nome artístico de Eduardo Queta. O grupo conta com quatro obras, nomeadamente “Kassanje Kanzenza” (2003), “Ndatandu, Cidade Jardim” (2009), “Mwembu Dieto” (2012) e “Homenagem ao Defunto Cacusso” (2015).

Canções como “Venâncio”, “Homenagem ao Defunto Cacusso”, “Mwembu Dieto” são os cartões-de-visita desta formação que como as anteriores, inicialmente conquistaram os ouvintes do programa radiofónico “Balumuka” na era do Amaro Fonseca e, posteriormente, “Antologia” e o “Canal Ngola Yetu” dedicado às línguas nacionais.

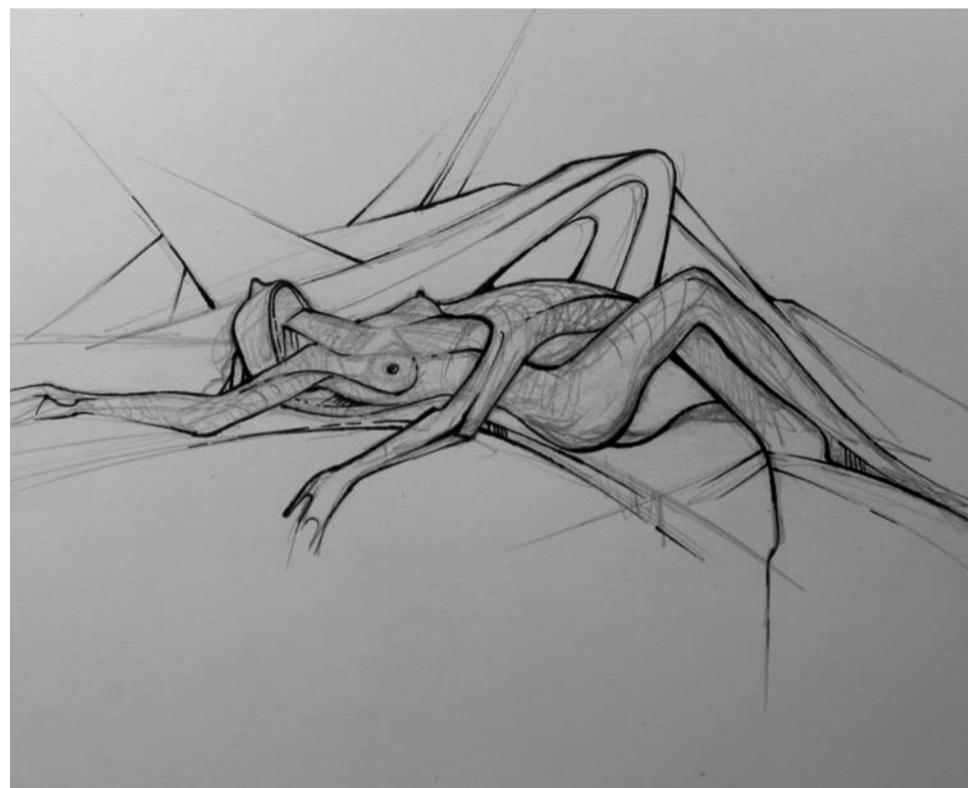
AMIGO E PRESTIMOSO LENITIVO

Estava mais para lá do que para cá, quando a epifania me sorriu. Não me preparara para tamanha repentina quintessência. Tinha entrado em transe, caído na vulgata sensação de languidez. Com pé na linha-meta de declínio, era um mero ser alado que ali estava, oblíquo, arfado e a baloiçar, tal que ramo de oliveira lambujado no balofo de desejo, espalhando sua fragrância pela mui ansiada paz do cosmo. Ou, então, uma peça de vestuário, soltando-se do corpo do de cuiús, ficando ali no dorso de uma rocha, na sequência de estrondosa triste queda. Uma alma abrenunciada que se punha a esvoaçar a bel talante de infortúnio, por impulso do vento e no decurso dum desprezo para ruim perenidade. Farto de manquejar e de dar ao punho cabrestante coisa torta, já não me via no cobalto endurecido nem na paciência efervescente de um feno a ressurgir. Num plano esconso, diagonal, com apetência natural para o abismo eu era uma plutónica fundura sazonal e pendurado na vertigem do meu próprio vaticínio. Assim, ao contrário do ínclito oficiante que se embrenhava a tarde toda no encalço do poema que não vinha, mas que ele sabia adveniente, eu era alvo em frente ao dedo no gatilho e à beira de pacata sucumbência.

Um sítio aziago e vil, do tipo de um aprisco para bicho, incrustado no abdómen de suplício vertical e de parelha com traquinas Prometeu, no sinistro ancoradouro de penúria. Uma gruta nos limites da cidade a que os esnobes menoneses epitetavam de «fortaleza dos inábeis de presteza». Sempre que alguém não tinha estofo para se desembrulhar a bem de qualquer encresca que tivesse entrado, era encaminhado para lá, com uma guia de advertência em como devia ser tratado ao nível de jumento. Claro, para levar com toda a casta de intempéries no sinuoso estulto couro. Então, nesse dia, estava embalado na sofreguidão do meu galopante descaminho. Chamei-lo solto devaneio ou percurso atribulado de um serôdio. Ia bastante cabisbaixo e cheio de pena da minha sina, quando um ser nas minhas costas emergiu e entoou a sineta de advento, que me soou a voz de suave mando amigo «pára, Donato! Sou portador de uma radiante novidade para ti dar». E, de seguida, o Hermes anunciou «a tua sentença foi revogada e a pena de banimento comutada pelo rei da exímia arte. Volta que os cânones da urbe já te querem na cidade e falam na justeza do teu regresso. Está tudo a postos para a tua entrada triunfante em cena, no panteão da politeia, e posterior entronização. Nenhuma franja de irmandade se oporá a teu benquistado enlevamento, com todas as prerrogativas e imunidades correlativas e compatíveis com o status de uma nova estrela-Vega». Pensei um pouco e sussurrei

«hum, paleios para me pôr a ver fumaça. Isto não passa de fogo-fátuo».

Estava eu em debandada cambaleante, não tinha forças para imprimir o ímpeto de reversão. Tentei virar a cara, não estava a conseguir. E o vizir de Apolo que me foi arrebanhar para ribalta inspiradora sossegou-me «não te preocupes. Tenho a meu serviço mais dois homens e uma junta de camelos. É só entregares a cintura para cingirmos nele o vigoroso cinto de segurança». Notei que ele estava afoitamente empenhado em me salvar e levar de volta à urbe. Era um confrade de nitente letra d'ouro. Possuía uma caneta lavada em suor de protuberante conseguimento. Um compatriço dos velhos tempos de Enseada-a-Lustre e da vizinha Vila de Jasmim Manga. Fiquei parado e pus-me a jeito. Ele fez aquilo que prometera, com apoio de expeditos auxiliares.



Um gesto muito generoso porque na infância não tivéramos o imbelé privilégio de labutar na lama juntos e partilhar as salas da primária. E isso nem mais tarde nos pátios do liceu. A única coisa que nos ligava era um linhar de terra rude, fazendo de frente entre duas herdades dos nossos pais, na Encosta de Fortuna.

Quando íamos a caminho da lavoura, minha mãe, precavida quase sempre, recomendava-nos «não atirem com a palha para de cima do terreno ao lado, porque é de uma gente amiga lá da Vila. Não nos fica bem». Ela escusava de entrar em pormenor sobre as diversas circunscrições da ilha e das suas egrégias linhagens familiares, porque sabia tarefa inglória. Não tínhamos coturno nem paciência para enxergar o significado das máximas morais e extrair delas as suculentas consequências. Então, apesar de possuidores de terras coexistentes paredes-meias naquelas bandas, só mais tarde teríamos ensejo de nos conhecermos.

Dele, na Enseada, apenas tinha ouvido ecos esporádicos de um noviço que se esfumara nas brumas do destino, levando a lidima ambição de se reinventar fora de portas, visando uns arcaboços de esfuziante e majestoso savoir fair. Sendo que mais tarde emergiria nas vestes de vedeta, um astro envolto no diadema de esplendoroso fulgor artístico. Assim, o nosso encontro inaugural só se daria anos volvidos e no estrangeiro. Ele tinha sido protagonista de um rebuscado e rico evento. Despontara num tempo de prodígio, o nimbado dele próprio, com uma voz ousada e singular, com toda a legitimidade da sua geração. Foi vibrante e justamente ovacionado, catapultado para o palanque dos imortais. Abriu as portas e deu boas vindas ao milénio que aí vinha. De seguida, clareou as ilhas de norte a sul com seu estonteante candelabro.



DOMINGOS LANDIM DE BARROS

«fia?». Não tive dúvidas e, de pronto, respondi «sim, só pode ser o meu rabisco de horas atordoadas». E ele, sempre fiel aos princípios e leal aos amigos, declarou «estou manifestamente descontente com o teu derrotismo». Fechou subitamente a cara e continuou «não te reconheço o direito de desistir duma via que tarde ou cedo dará seus frutos». Reparei que ele estava desapontado comigo e que falava com toda a sinceridade de excelso irmão. Fiquei um pouco atrapalhado. Ele voltou a sorrir, assumiu um ar jovial e bem-humorado e atirou-se a mim «sai uma fresca ou forte?». Encolhi os ombros, mas ele conhecia, de ginjeira, as minhas preferências pelo afeiçoado suor de boi.

Estávamos, nessa tarde, numa famosa esquina da capital, na zona baixa da cidade, um sagrado ponto de encontro de todos os confrades da Achada do Planalto e redondeza, das sobranceadas e airosas zonas de Graciosa, do medievo sítio do padroeiro de todos os santos, do azafamado litoral do espirituoso Funaná e das cercanias de petrificadas e deíficas figuras da nossa ingente ilha bonita, as dadoras de mote às investidas de acesso às escadas de labor e de sucesso. Entramos na loja, pusemo-nos a conviver com os demais e a cavaqueira sobre a minha inepta presteza ficou para trás. Depois, saímos. A questão pareceu-me arrumada. Porém, passado um tempo, abri um jornal da praça e lá estava ele, ex-novo, a dar-me recosto e bálsamo pujante.

Depois de entabularmos as primeiras conversações, ficamos amigos para o resto dos dias que se seguiriam. A partir daí, ele assumiu uma espécie de encargo, a eito, de me passar o suficiente lenitivo, a ver se me livrava dos obstáculos que me estavam a turbar a vista do Miradouro de Leve Contemplação. Tanto insistiu, que por pouco não perigava o equilíbrio e correr o risco de se isolar dentro do conclave e atrair a cólera dos maestros da entourage. Havia alguns receosos do circuito que manifestavam as suas reservas quanto à pertinência do «Rei do tempo» continuar a apostar na minha deficiente prestação. Nada que o tivesse demovido um só minuto. Em verdade, o estro apontava-me o dedo e augurava-me melhor desenvoltura naquilo que fazia. Um dia, escrevi uma carta de renúncia à lide e dei-lhe conta da minha angústia. Pegou na missiva e guardou.

Na primeira ocasião que nos cruzámos, tirou ele do bolso a epistola e perguntou-me «que te diz esta caligra-

Aí, fiquei a magicar num repto que me havia lançado um outro grande amigo e antigo chefe, quando me chamou e amenamente admoestou «não saias daqui rapaz! Tens a estrada toda livre para seguires caminho adentro e progredires até o fim da linha». Não obstante isso, eu, na minha imberbina visão de vida, achava que devia soltar aquele pássaro e sair na mira de um distante. Será que valeu a pena? Não sei. Até porque não «Tenho o Infinito Trancado em Casa», do estilo dum prezado vate amigo, nem a certeza na minha ilharga. Pelo contrário, vejo o finito emaranhado de peias na minha frente. O futuro não promete reviravolta de grande monta na minha esfera. Independentemente do que vier a ditar o devir, desejo ao antigo imensa paz perpétua e ao insigne moderno os votos de toda a prosperidade do mundo.

O MITO DA CRIAÇÃO

!KAANG



A humanidade nem sempre viveu sobre a Terra. No princípio, pessoas e animais viviam sob a superfície com KAANG, o Grande Mestre e Senhor de Toda a Vida. Neste lugar, pessoas e animais se comunicavam e viviam pacificamente. Havia sempre luz, embora ainda não houvesse nenhum sol. Durante esse tempo de bem aventurança, Kaang começou a planejar as maravilhas que colocaria no Mundo acima.

Primeiro Kaang criou uma árvore magnífica, com ramos que se espalhavam por toda a parte. Na base da árvore, cavou um buraco até ao mundo subterrâneo onde viviam as pessoas e os animais. Depois de criar o mundo segundo seu desejo, ele tirou de dentro do buraco o primeiro homem e, pouco depois, a primeira mulher. Logo, toda a humanidade atravessou do interior para a superfície da terra, reunindo-se aos pés da árvore, ao mesmo tempo maravilhados e assustados com o novo mundo.

Em seguida, Kaang ajudou os animais na escalada para fora do buraco.

Kaang reuniu humanos e animais e os instruiu para que vivessem juntos pacificamente. Então virou-se para os homens e as mulheres e alertou-os para que nunca fizessem fogueiras ou um grande ml cairia sobre eles. Homens e mulheres empenharam sua palavra a Kaang e o Senhor de Toda a Vida retirou-se para um lugar de onde

pudesse observar secretamente o seu mundo.

A noite se aproximava e o sol começava a se esconder no horizonte. Humanos e animais assistiam ao fenómeno mas, quando o sol desapareceu, o medo se instalou no coração dos humanos. Eles não eram capazes de ver-se, pois lhes faltavam os olhos dos animais capazes de enxergar à noite, lhes faltava, também, o quente pêlo dos animais e, então, o frio se instalou.

Em desespero, um homem sugeriu que fosse feita uma fogueira para aquecê-los. Esquecendo-se do alerta de Kaang, eles desobedeceram ao Grande Mestre. Com a fogueira acesa, homens e mulheres puderam se aquecer e ver-se uns aos outros na escuridão.

Entretanto, o fogo assustou os animais, que se retiraram para cavernas e montanhas e, desde que a humanidade rompeu com os mandamentos de Kaang, humanos e animais não foram mais capazes de se comunicar. Agora, o medo tomou o lugar da amizade que havia entre os dois grupos.

O texto, em inglês, encontra-se disponível em:
http://www.cs.williams.edu/~lindsay/myths/myths_14.html
 (*) LIVRE TRADUÇÃO - ELIANARIBEIRO

MASALA, O LEOPARDO

Nº 6

Por: Lito Silva

O CANTO DE LUSUNZI

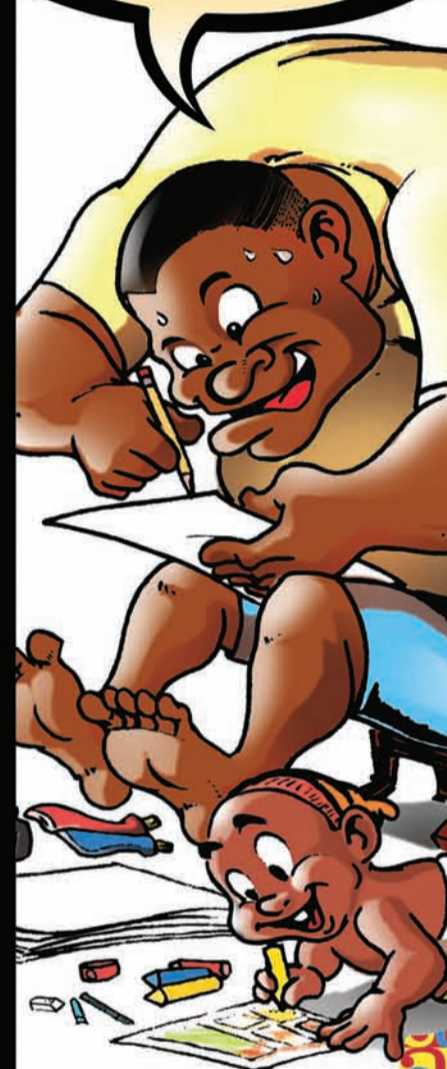


CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO

CURSO DE BANDA DESENHADA

INSCRIÇÕES ABERTAS

NA CASA DAS ARTES



HORÁRIO DA SECRETARIA

Das 10h às 18h, de segunda a sábado
Morada Talatona Via 5



contacto

(+244) 996660065
casadasartesuanda
info@casadasartesuanda.com

Curso intensivo semestral
Coordenação Pedagógica

© Sisma Comics



CASA DAS ARTES